ISSN: 2358-8829

DA LAPIDAÇÃO DAS ROCHAS AO RITMO DA APRENDIZAGEM: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA AULA DE CAMPO INTERDISCIPLINAR ENTRE MINERALOGIA E MÚSICA NA UFCG

Adriandson Lins Gouveia

RESUMO

O presente trabalho apresenta um relato de experiência sobre uma aula de campo interdisciplinar desenvolvida com estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental da Escola Municipal Lafayete Cavalcante, em Campina Grande, Paraíba. A atividade teve como objetivo aproximar o ensino de Geografia da realidade dos estudantes, articulando conhecimentos sobre mineralogia e música por meio de uma vivência na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). A metodologia foi organizada em três momentos: inicialmente, foram realizadas atividades em sala de aula com o uso de Chromebooks e Google Earth para explorar questões relacionadas ao extrativismo mineral; em seguida, os estudantes visitaram o Museu de Mineralogia, o Centro de Gemologia do Nordeste e o Departamento de Música da UFCG; por fim, desenvolveram atividades na escola com a observação de amostras de minerais e rochas e a construção coletiva de um painel expositivo. Os resultados apontaram maior interesse e participação dos estudantes nas atividades práticas, além de contribuições para a curiosidade, o diálogo e a valorização do ambiente escolar. A experiência evidenciou a importância da aula de campo e da interdisciplinaridade como estratégias para tornar o ensino de Geografia mais dinâmico e significativo, aproximando os conhecimentos científicos das vivências dos alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Geografia; Aula de Campo; Interdisciplinaridade; Mineralogia; Aprendizagem Significativa.

ISSN: 2358-8829

INTRODUÇÃO

Ensinar Geografia na rede pública exige muita determinação do docente para quebrar a rotina da sala de aula e superar a organização tradicional, apenas copiando o quadro. Nos Anos Finais do Ensino Fundamental, principalmente em escolas de periferia, percebemos o quanto o conteúdo tradicional parece distante da vida real dos estudantes. É por isso que o estudo de campo não pode ser encarado como um mero passeio extracurricular. Como bem destaca Pontuschka (1994), o trabalho e o estudo de campo são fundamentais no ensino de Geografia para que o aluno consiga observar, vivenciar e interpretar a realidade do seu próprio espaço, superando a separação entre a teoria da sala de aula e a prática concreta do território.

Partindo dessa urgência teórica e metodológica, a pesquisa aqui relatada nasceu no chão da Escola Municipal Lafayete Cavalcante, em Campina Grande: como fazer com que estudantes da rede pública cruzassem o portão da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) não como estranhos, mas como quem reconhece que aquele espaço de ciência e arte também lhes pertence? O objetivo central desta prática foi usar a aula de campo e a interdisciplinaridade misturando o estudo dos minerais com a música regional para aproximar a ciência geográfica da vivência dos alunos, despertando o protagonismo infantojuvenil. A justificativa por trás disso é escancarar que a universidade pública fica logo ali, mas socialmente parece distante de quem vive nos bairros populares, e que o saber científico precisa ser democratizado de verdade.

No decorrer deste relato, detalhamos como a preparação em sala de aula se conectou com a vivência prática nos laboratórios e espaços da UFCG. Os resultados mostraram que, quando abrimos portas e mudamos o cenário, a apatia dá lugar à curiosidade, ao respeito e à vontade de aprender. No fim das contas, a experiência prova que o professor da rede pública, mesmo enfrentando todas as correrias e barreiras do dia a dia, tem total autonomia para criar caminhos que transformam a realidade e dão voz aos seus alunos.

ISSN: 2358-8829

METODOLOGIA

Este trabalho traz o relato de uma vivência pedagógica desenvolvida com as turmas dos Anos Finais do Ensino Fundamental da Escola Municipal Lafayete Cavalcante, em Campina Grande, Paraíba. O percurso metodológico desenvolvido seguiu as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o ensino de Geografia, puxando o fio da meada a partir do estudo sobre o extrativismo mineral e de como esses recursos estão presentes no nosso dia a dia. Para organizar a prática e tirar a turma da mesmice, a atividade foi dividida em três etapas bem definidas:

Primeiro momento (Em sala de aula com a tecnologia): A gente começou discutindo de onde vêm os minerais que a gente consome e quais são os impactos ambientais dessa extração no Brasil e no mundo. Para isso, os alunos usaram os Chromebooks da escola para mexer no Google Earth, criando mapas digitais e localizando essas áreas de mineração de forma visual e interativa.

Segundo momento (A aula de campo na UFCG): Depois da preparação na escola, a turma foi conhecer de perto o espaço da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Lá, eles passaram por estações fundamentais: visitaram o Museu de Mineralogia e também o Centro de Gemologia do Nordeste, onde conheceram de perto os laboratórios e os processos de corte, polimento e lapidação de gemas. Em seguida, conheceram o Departamento de Música. Esse segundo ponto surgiu de forma muito natural e aberta, para dar espaço à sensibilidade artística dos alunos e mostrar que a universidade também acolhe a arte e a cultura deles.

Terceiro momento (Retorno à escola e produção coletiva): De volta à sala de aula, o trabalho continuou com a análise física de seis amostras reais de minerais e rochas (hematita, quartzo, feldspato, mica, epidoto e calcita). Os estudantes cruzaram o que viram no museu com pesquisas na internet e montaram um painel expositivo de grande dimensão, fixado na própria parede da escola, unindo a teoria, a pesquisa e as amostras físicas dos minerais.

Vale ressaltar que todo o registro fotográfico e o acompanhamento das turmas ao longo das atividades seguiram os padrões éticos necessários para a salvaguarda e divulgação pedagógica da experiência.

ISSN: 2358-8829

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico desta pesquisa ampara-se na perspectiva de que a sala de aula não esgota as possibilidades de construção do conhecimento, exigindo a abertura para a vivência empírica e para a leitura crítica do espaço. Afinal, como aponta Freire (1996), a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra, o que torna indispensável aproximar o aluno da materialidade da sua própria realidade. No contexto específico da Escola Municipal Lafayete Cavalcante, situada na rede pública de Campina Grande, essa premissa ganha um sentido ainda mais urgente: romper com o isolamento dos muros escolares e conectar os saberes geográficos ao cotidiano periférico dos estudantes. No campo da Geografia escolar, essa articulação teórica ganha força com Pontuschka, Paganelli e Santos (2009), quando defendem que o estudo de campo não pode ser tratado como um mero passeio ilustrativo, mas sim como um instrumento metodológico fundamental para que o estudante saia da condição de espectador, observe o meio e compreenda as dinâmicas geográficas de forma viva e concreta.

Essa travessia entre a realidade da escola pública e os saberes acadêmicos dialoga diretamente com os apontamentos de Vygotsky (1998) a respeito da mediação e da zona de desenvolvimento proximal. Quando os alunos da Escola Lafayete Cavalcante saem da rotina das carteiras e passam a interagir de perto com espaços como o Museu de Mineralogia e os laboratórios da universidade, a instituição de ensino superior atua como um mediador cultural potente, impulsionando novas aprendizagens que dificilmente ocorreriam apenas com a memorização de conceitos no quadro. Trata-se de um movimento que corrobora as discussões de Moran (2007) sobre as metodologias ativas, evidenciando que a aprendizagem significativa acontece quando o estudante experimenta, investiga e se engaja ativamente no processo de descoberta do seu próprio território.

Por fim, essa fundamentação teórica integra-se à sensibilidade artística e à música na prática pedagógica vivenciada na escola, partindo da premissa de que o conhecimento geográfico e cultural se constrói de forma plural, acolhendo a identidade e as vivências dos discentes da rede pública. Assim, teoria, prática de campo e vivência comunitária fundem-se para garantir que a educação cumpra o seu papel emancipatório, provando que a escola pública é espaço de produção de ciência, arte e cidadania.

ISSN: 2358-8829

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A sistematização da escuta junto às turmas sinalizou caminhos importantes sobre o que desperta a atenção e o interesse dos estudantes na escola pública. Quando perguntados nos formulários sobre qual formato de aula gerava mais aprendizado, a preferência expressa pela turma voltou-se fortemente para a aula de campo, distanciando-se do modelo tradicional de quadro e giz, mas dialogando diretamente com as demais ferramentas utilizadas no processo como os mapas no Google Earth via Chromebooks, as músicas e as produções artísticas. Para os alunos, sair dos muros da escola e pisar na universidade representou o instante em que a Geografia deixou de ser apenas teoria impressa e passou a fazer sentido prático, permitindo enxergar as dinâmicas espaciais de forma viva e concreta no próprio território.

Esse engajamento dos estudantes e a relevância da vivência prática encontram eco em Kaercher (2004), quando o autor ressalta que o trabalho de campo retira o educando da postura passiva e o convida a interagir criticamente com a paisagem do seu entorno. A ida a espaços como laboratórios e museus universitários rompe com a rotina estática da sala de aula tradicional, transformando o espaço geográfico em um verdadeiro laboratório de investigações onde o aluno deixa de ser mero ouvinte e passa a tatear .

Além dessa preferência pelo campo, os dados colhidos e a convivência diária na Escola Municipal Lafayete Cavalcante indicaram outro aspecto relevante: os reflexos no comportamento, na autoafirmação e na rotina escolar como um todo. A experiência prática e a abertura corajosa para a expressão dos alunos seja na criação e interpretação das músicas autorais, na investigação tátil dos minerais ou na imersão nos espaços universitários pareceram estreitar o respeito mútuo nas relações com os professores. Os registros cotidianos apontaram que esse clima de valorização e escuta repercutiu positivamente não apenas nas aulas de Geografia, mas no cotidiano das demais disciplinas, atenuando a apatia e fortalecendo o diálogo coletivo.

Quando o aluno percebe que sua realidade ganha relevância e que ele é parte ativa e respeitada do processo de construção do conhecimento, a dinâmica da sala de aula se transforma. O que se observa é o despertar de uma curiosidade genuína, um maior zelo pelo espaço coletivo e o fortalecimento de vínculos afetivos e sociais mais saudáveis com o ambiente escolar público.

ISSN: 2358-8829

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões construídas ao longo deste estudo mostram que o ensino de Geografia na rede pública ganha outra força quando saímos da rotina tradicional e conectamos o conteúdo com a realidade do nosso território. A experiência no chão da escola deixou claro que juntar tecnologia como os mapas digitais nos Chromebooks, arte, música e a vivência de campo transforma o ambiente escolar. A apatia dá lugar ao interesse, e o respeito mútuo fortalece o dia a dia da comunidade.

Olhando para tudo o que desenvolvemos, fica evidente a necessidade de planejar caminhos que integrem a teoria e a prática de forma contínua. O roteiro que aplicamos partindo de uma base clara do conteúdo, passando pelas ferramentas digitais e culminando na aula de campo, com direito a produções artísticas e mostras de minerais provou que é possível fazer uma educação pública dinâmica e significativa.

Dessa forma, propõe-se a criação na rede de ensino de disciplinas eletivas ou extracurriculares de campo. A ideia é que, de maneira interdisciplinar, envolvendo as diversas áreas do conhecimento, os alunos possam realizar saídas regulares para explorar e cartografar os espaços públicos da cidade. Ir aos museus, praças, açudes, feiras livres e equipamentos comunitários, transformando o espaço urbano em um grande laboratório onde a geografia, a matemática e a realidade social se encontram na produção coletiva de textos, mapas e exposições.

Este trabalho não encerra o debate, mas abre caminho para novas investigações sobre a potência pedagógica do cotidiano escolar. Fica o convite para que a prática docente continue oxigenando a educação pública, provando que ensinar e aprender são atos de cidadania, pertencimento e transformação social.

ISSN: 2358-8829

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**: Educação é a Base. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos:** novos desafios e como chegar lá. Campinas: Papirus, 2007.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; SANTOS, C. M. **Para ensinar e aprender geografia.** São Paulo: Cortez, 2009.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

KAERCHER, N. A. O trabalho de campo em Geografia. In:CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Ensino de Geografia:** práticas e textualizações no cotidiano. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2004.

ISSN: 2358-8829